

PARA LÁ DO PORTÃO

um livro de
DIOGO NUNES



PARA LÁ DO PORTÃO

Diogo Nunes

Este livro é dedicado a todas as suas personagens.

Título: *Para lá do portão*

Autor: [Diogo Nunes](#)

Capa: [Christina Kharlamova](#)

1ª edição, Julho 2015

Este trabalho está licenciado pela [Creative Commons BY-NC](#), o que permite partilhá-lo e adaptá-lo livremente para fins não-comerciais e sempre mencionando o nome do seu autor.

Perdido e confuso. Era assim que Rodric se sentia. Onde é que ela se meteu? Olhava em redor, procurava um vulto escondido atrás dos troncos. As árvores eram esguias e altas, provavelmente pinheiros bravos, mas não valia a pena confirmar. Ela não podia estar muito longe, ainda há pouco a tinha visto. O chão estava coberto de pequenos fetos que formavam uma tapete verde, ocultando o chão e abafando os seus passos. Uma luz meiga atravessava o ziguezague de troncos e iluminava a neblina matinal. Em todas as direções a paisagem parecia ser a mesma e a partir do terceiro tronco os seus contornos desvaneciam-se numa bruma leitosa. Já não era apenas a curiosidade que levava Rodric a procurá-la, era também a necessidade de encontrar alguém que o ajudasse a sair dali. Por falar nisso, como é que tinha chegado até ali?

O mais fácil seria mesmo chamar por ela. A floresta estava estranhamente silenciosa, nem os pássaros se ouviam, apenas se distinguia o remexer das folhas, longe, lá bem no alto. Rodric nem precisaria de gritar para que ela o ouvisse... mas que nome havia de chamar? Não fazia a ideia de qual pudesse ser o seu nome, muito menos de quem fosse. Sim, tinha de lhe perguntar, mas primeiro tinha de encontrá-la. Ao terminar este pensamento, algo se moveu à esquerda. Rodric aguçou os sentidos e cerrou os olhos na direção do movimento. A luz que atravessava as copas projetava uma sombra na névoa. Seria uma cabeça? Provavelmente era ela a espreitar atrás da árvore. Rodric deu um passo e esperou. A sombra não se mexeu. Deu outro passo, seguido de outro e mais outro e a sombra nunca se moveu. A cada passo, Rodric distinguia mais um detalhe da sombra à sua frente. Agora uma perna, agora um ombro. Não restavam dúvidas, era ela.

Rodric acelerou o passo. Uma decisão imprudente. Pouco depois de ter iniciado a sua corrida, a sua meta escondeu-se num movimento brusco, certamente intimidada pelo som que galopava na sua direção. Rodric deteve-se. Amedrontá-la era a última coisa que queria fazer.

— Desculpa, não te queria assustar — não obtive qualquer resposta por isso continuou — Não te faço mal, só te quero ver mais uma vez. Peço-te.

Sussurrava calmamente cada palavra, como se receasse ferir o ar à sua frente. A sorte

estava lançada, restava apenas esperar. E a sorte sorriu-lhe. Desta vez Rodric não se moveu, não precisava, ela vinha ao seu encontro.

Envergava um vestido que deixava os seus ombros a descoberto e só acabava nos tornozelos, de onde espreitavam os seus pés descalços. Era uma peça branca no topo e cada vez mais verde à medida que descia. Toda ela estava decorada com múltiplas e finas saliências verde claras que se enrolavam umas nas outras e sob si próprias, numa dança aleatória e harmoniosa que recreava as jovens plantas quando brotam do solo em busca do mundo da luz.

Parou. Apenas dois palmos impediam agora que se tocassem. A sua pele era clara e luminosa, dir-se-ia que cintilava, como algo de precioso. Tinha o cabelo liso e castanho quase loiro, parte dele apanhado e o restante caído delicadamente sobre os seus ombros. Os seus olhos, ele nunca haveria de esquecer, eram cinzentos com uma tonalidade verde-esmeralda como duas joias.

Rodric, lentamente, segurou-lhe as mãos e sussurrou um “obrigado”. Por segundos, trocaram um olhar profundo e depois abraçaram-se. Rodric fechou os olhos para que a floresta não o distraísse daquele momento. Inspirou o cheiro a flores que emanava da pele da misteriosa rapariga. Podia ficar ali, embalado naquele calor reconfortante, para toda a eternidade.

Contudo, tinha o pressentimento de que tudo aquilo não iria durar muito mais tempo. Apenas o tempo de abrir os olhos e de se despedir com um beijo demorado no pescoço. E assim o fez, mesmo a tempo. Dois segundos mais tarde já a sua visão escurecia, cada vez mais, até deixar de ver por completo.

Rodric voltou a abrir os olhos e viu apenas madeira à sua frente. Pena não ser o tronco de um pinheiro mas sim a madeira polida das tábuas do teto do seu quarto. Estava deitado na sua cama. Rodric não conseguiu conter um suspiro. Do sonho, apenas se recordava de débeis fragmentos.

O sonhador levantou-se sem pressas da cama, cumprimentando os primeiros raios de luz com um bocejo sonoro. Espreguiçou-se e foi lavar a cara. A água pingava da cara de volta ao balde de madeira. Enquanto secava a cara, a superfície da água estabilizou e refletia agora o seu rosto nitidamente. Era habitual acordar com o cabelo despenteado mas como a noite foi tranquila nem precisou de o domesticar. Os seus olhos escuros e castanhos já haviam assistido a pelo menos vinte primaveras. No entanto conservava o rosto e o sorriso de uma criança. Se não contasse os anos eles nunca deixavam de ser apenas dias. Enquanto observava o seu reflexo, pensou que “com um sonho destes, o dia só me pode correr bem”. Como que em resposta a este pensamento, o seu reflexo esboçou-lhe um sorriso.

Rodric regressou ao seu quarto. Qualquer pessoa que lá entrasse pela primeira vez julgaria ter-se enganado na porta e pensaria ter entrado no interior de um tronco. O teto e as paredes estavam forrados com tábuas de madeira de carvalho e o chão era uma pequena obra de arte — começando no centro do quarto e estendendo-se até aos seus limites, uma combinação de formas geométricas como losangos e estrelas, alternando entre a madeira clara do pinho e a mais escura do carvalho.

Os lençóis brancos e carmim da sua cama estavam amachucados e puxados para trás, à espera que alguém os fosse endireitar. Do lado esquerdo da cama havia uma mesa-de-cabeceira com um bonito pano branco e rendilhado sobre ela, que servia de base a um candeeiro que segurava uma vela bege já meio derretida.

Fez a cama e arrumou a almofada no seu armário. Era praticamente da sua altura e de lá tirou uma camisa e uns calções de algodão. Calçou-se, arregaçou as mangas e desceu as escadas em direção à cozinha, conduzido pela sua fome. Estava tudo calmo dentro de casa ao contrário do exterior — pessoas e carruagens deslocavam-se rua acima e rua abaixo, ou não fosse a sua rua uma das mais movimentadas.

Rodric pertencia à família Carvalho, que ao longo da sua longa existência veio a adquirir notoriedade e respeito no seio da população. O seu “humilde” lar estava situado na rua do mercado e havia sido das primeiras a ser construídas. Os Carvalhos eram conhecidos por serem pessoas amigas e responsáveis. Foram estas as características que favoreceram a nomeação de Karl, pai de Rodric, como chefe da Mesa.

Tomou o pequeno-almoço enquanto olhava através da janela com as suas duas portadas abertas. O motivo do frenesim da rua era a venda ambulante que decorria um pouco mais abaixo. Luca era a morada de dezenas de famílias. As que tinham mais posses, normalmente comerciantes ou famílias donas de terrenos de cultivo, tinham habitação no interior da vila, enquanto as restantes, como os pastores e agricultores que exploravam as terras, viviam em cabanas e casotas mais modestas nas redondezas da vila.

A oeste situava-se a maioria das habitações. Casas de pedra e madeira eram o habitual pois estes eram os recursos que abundavam naquela zona. Havia uma escola, onde se ensinavam os miúdos a ler, a escrever, a falar, a agir e – mais importante – a pensar. Quando chegavam aos doze anos a escola terminava e os pais que desejassem que os filhos continuassem a estudar faziam um pedido de tutoria a Yalideu, o representante dos sábios na Mesa. Se fossem aceites, iriam para a ilha flutuante de Eoscetti. Era lá que pupilos, sábios e feiticeiros se reuniam para aprender e ensinar o conhecimento acumulado de geração em geração.

Bem no centro e à entrada de Luca ficava a taberna do Lorenzo, onde os visitantes podiam matar a fome, pernoitar e aliviar os cavalos. Era a única – e por isso a melhor – estalagem de Luca e não podia estar melhor localizada, mesmo em frente ao portão principal. Estava sempre cheia e movimentada, mesmo quando não havia visitantes, pois a sua cerveja era muito apreciada entre a comunidade masculina — à semelhança das empregadas que a serviam. Os portões eram a ligação do mundo exterior a Luca, que recentemente havia sido rodeada com paliçadas altas em madeira. Em toda a vila existiam quatro torres de vigia: ao lado do portão, perto do Conselho e duas de cada lado do forte dos cavaleiros.

Duas vezes por semana, era dia de venda ambulante, e hoje era um desses dias. Os produtores de Luca e da aldeia vizinha Nelay traziam os seus produtos para serem vendidos ou trocados. Apenas uma rua separava a casa de Rodric do local onde os vendedores montavam as suas bancas e tendas. Passada a zona destinada à venda ambulante, as habitações davam lugar a lojas: talhos, ferreiros, velharias, etc. Todas as casas eram rodeadas por pequenos passeios em pedra, sendo as ruas em terra batida. Era por aqui que as pessoas se deslocavam, a pé ou com carroças, com compras ou com vendas.

Rodric saiu de casa. Contornou o mercado lotado de vendedores, bancas, tendas, carroças e animais. Havia de tudo para todos. A moeda de troca podia ser uma de duas. A maneira mais fácil era pagar com dinheiro — chapas de vários metais, uns

mais valiosos que outros. A outra maneira de comprar um bem era trocando-o por outro, que não tinha necessariamente de ter o mesmo valor que o primeiro. Isto porque o valor de um objeto não depende exclusivamente de si mas também da forma como é vendido e da necessidade de quem o compra. Este hábito antigo sobreviveu ao tempo, pois cada geração percebeu e ensinou que tudo é finito e que os recursos que hoje têm ao seu dispor podem não existir amanhã, a menos que sejam poupados e reaproveitados sempre que possível.

O destino de Rodric era o estabelecimento do seu tio, Petro Carvalho, o ferreiro da vila. A loja do tio ficava mesmo em frente ao talho e distinguia-se das outras habitações pela sua chaminé alta. Avistava-se algum fumo, fraco e claro. A porta estava aberta e Rodric bateu duas vezes antes de entrar.

– Pode-se entrar?

– Se vem comprar alguma coisa, seja muito bem-vindo. Se vem vender alguma coisa, a saída faz-se por onde entrou – disse uma voz sonora do fundo da loja.

– Ai é assim que tratas o teu sobrinho?

– Se soubesse que eras tu nem te tinha deixado entrar. Não compras nem vendes, só vens empatar!

O seu tio recebia-o com uma sorriso e uma mão aberta. Todo o braço direito de Rodric sentiu o aperto da mão áspera do tio. Era rara a espada ou a armadura dos cavaleiros que não tivesse sentido o malhar do seu martelo. O seu tio era um homem rijo, a sua profissão assim o obrigava. Desde o desaparecimento de Karl que Petro ganhara um lugar ainda mais especial no coração de Rodric.

– Como estás? E lá por casa?

– Todos bem, na graça do Criador. E vocês?

– Tudo ótimo, embora ainda não tenha visto a minha mãe. Deve estar no mercado. Por acaso viste o mandrião do Rikheart?

– Por acaso até vi. Ele passou cá bem cedo, tinha eu acabado de abrir a loja. Se bem me lembro, ele seguiu para o forte. Acho que ia passar o dia em treinos.

– Boa, obrigado. A Vera amanhã está por casa?

– Acho que sim, hoje foi ter com as gémeas, mas amanhã deve estar por lá.

– Obrigado tio! Bem, não te atraso mais, hoje é dia de mercado.

O seu tio voltou à arrumação da loja e ao atear da fornalha, e Rodric regressou a casa. O sol já havia iniciado a sua descida quando Rodric voltou a sair. Os treinos de Rikheart já deviam ir a meio. Rodric gostava de assistir por duas razões. Primeiro,

porque gostava de ver as técnicas que eram ensinadas e que mais tarde tentava reproduzir com a ajuda de Rikheart. Segundo, porque estava sempre à espera de um deslize do seu amigo para mais tarde poder gozá-lo. Tinha mais sorte com a primeira do que com a segunda.

Os treinos e tudo o que fosse relacionado com os cavaleiros passavam-se no forte, a zona mais protegida da vila. Esta área havia sido escavada a uma encosta com a ajuda dos feiticeiros e o forte encontrava-se maioritariamente dentro dela. A rocha proveniente dessa escavação foi usada na construção do próprio forte e de outras habitações da vila. Foi projetada para ser a zona mais protegida de Luca, para que em caso de perigo os seus habitantes tivessem um local seguro onde proteger-se.

À entrada estavam dois cavaleiros que saudaram Rodric e o deixaram passar. As ruas dentro do forte eram espaçosas, tinham de ser pois era habitual haver montadas a chegar e a partir. Existia mesmo uma cavalaria dedicada a abrigá-las e cuidá-las. Do outro lado ficavam os dormitórios dos cavaleiros, que também tinham direito a uma zona de descanso. Por fim havia mais dois edifícios, o refeitório e o forte propriamente dito, uma pequena fortificação que servia de refúgio nas situações de perigo e de sala de convívio ou sala de aula no dia-a-dia. Rodric contornou o refeitório até chegar ao pátio de treinos. Dúzias de jovens treinavam uns contra os outros ou contra os seus professores cavaleiros.

Hoje era dia de treino com armadura, em que os alunos tinham de lutar com o uniforme completo de um Cavaleiro. O tronco e os braços eram protegidos por uma peça única de cota de malha, enquanto a coxa e a perna eram protegidas por placas de aço. Nos pés usavam botas de cabedal que subiam até ao tornozelo e na cabeça um capacete que variava conforme a pessoa e o cargo. Todos os capacetes eram feitos de aço e pintados de verde e desciam até à altura das orelhas. Depois uma extensão em forma de seta cobria o nariz, duas extensões laterais cobriam as orelhas e pescoço, e finalmente uma extensão arredondada protegia a parte de trás do pescoço. O capacete de cada Cavaleiro tinha os seus próprios desenhos e padrões e os cargos mais elevados na hierarquia usavam adereços no topo do capacete como penas ou caudas de cavalos.

Cada um tinha a sua arma de eleição — punhais, espadas, machados, clavas, arcos, bestas — mas hoje todos usavam espadas. Treinavam a típica sequência de ataque, recuo, bloqueio. Com as armaduras e à entrada do pátio era difícil reconhecer caras. Rodric sentou-se num balde de água virado ao contrário e observou com atenção os movimentos e os rostos. Finalmente reconheceu o seu amigo, primeiro pela agilidade, depois pela destreza com que atacava o seu professor, e finalmente pela barba debaixo do capacete.

Rodric esperou pelo final do treino antes de se aproximar do seu amigo. Rikheart cumprimentou o professor e saiu do pátio tirando o capacete. O cabelo castanho que Rikheart sempre mantinha cuidadosamente despenteado estava agora colado à sua cabeça suada. Ao avistar Rodric fez um esgar, o sorriso possível com as forças que lhe

sobravam.

— Então, vieste aprender como se faz?

— Claro, eu só aprendo com os melhores. Estás todo partido.

— Os treinos de armadura são tramados — respirou fundo duas vezes e acrescentou

— E com o sol que está parece que tenho a cabeça a ferver.

— Estás demasiado cansado para irmos até ao buraco?

— Fazia-me bem esticar um bocado. Deixa-me só tirar a armadura e depois seguimos.

* * *

Chegar ao buraco não tinha nada que enganar. Os dois já lá tinham ido várias vezes e já sabiam o caminho de cor. Passaram os portões de Luca e seguiram em direção às hortas. Após atravessarem-nas encontraram o riacho. Depois bastou acompanharem o riacho até ele se dividir em dois. Nessa altura foi necessário atravessar para a outra margem, o que não foi difícil pois o riacho não era fundo e a margem ficava perto. Depois de molharem os pés continuaram a descer até o riacho virar à direita. Eles viraram também e seguiram-no. À chegada encontraram a tabuleta de madeira que indicava o lugar.

— “Cuidado com o buraco” — leu Rodric.

— Ainda me lembro da primeira vez que te trouxe aqui — mudou de voz numa tentativa de imitação que mais parecia ser de troça — Isto é perigoso! Alguém devia avisar que está aqui um buraco enorme!

— Eu só dei a ideia, mas quem é que fez a tabuleta?

— E está linda. Adequa-se ao lugar — fez uma pausa ao chegar ao chegar à borda do buraco — Ainda bem que Ele se zangou.

Descrever o local como simples “buraco” era injusto, pelo menos por duas razões. Se algum dia a Lua se desprendesse do céu e chocasse contra a superfície da Terra, a cratera deixada pelo impacto seria semelhante ao monumento natural que se encontrava à frente dos dois rapazes. Sim, porque além da cratera ser monumental também a sua beleza era digna de monumento. O riacho que haviam seguido desde Luca precipitava-se na orla da cratera, formando uma cortina de água branca e reluzente. No final da cascata descansava um lago de água pouco profunda e cristalina. No centro distinguia-se o brilho da areia escura que em tempos já foi pedra. Só nos limites do lago é que era possível ver pedras dignas desse nome. Ao longo da margem era possível observar diversos arbustos e até algumas árvores que se esticavam em busca da luz solar.

— Não sabia que ensinavam essas histórias de embalar aos cavaleiros.

Dizia a lenda que no início dos tempos o Criador havia criado o Sol, a Lua, a Terra e a Energia sob a forma dos quatro Elementos. Coube depois à Mãe preencher a Terra com vida. Primeiro nasceram as plantas, depois vieram os animais, os peixes na água, os mamíferos na terra, as aves no ar. Cada organismo que a Mãe gerava tinha uma função específica na manutenção do equilíbrio natural do ciclo da vida. O Criador assistiu a tudo, maravilhado com a obra da Mãe. Mas perante tamanha diversidade e beleza, a natureza do Criador foi mais forte do que ele, não se contentava em observar, tinha de participar, tinha de criar.

Foi assim que nasceu o homem e a mulher. Tal como havia aprendido com a criação da Mãe, criara dois seres opostos e complementares. Só que o Criador ainda não estava satisfeito. Era certo que havia conseguido criar vida mas isso não era impressionante. Como seria possível impressionar a Mãe, repetindo algo que ela já havia feito vezes sem conta e de formas mais diversas e complexas do que ele havia conseguido? Então transformou o homem e a mulher em seres frágeis e indefesos, sem presas, nem garras, nem escamas, nem couraças. Em compensação deu-lhes uma única arma — um cérebro mais desenvolvido que qualquer outro ser vivo.

Terminada a sua criação chegou a altura de mostrá-la. Apresentou o homem à imagem do Criador, um ser engenhoso capaz de criar e manipular o seu mundo, e a mulher à imagem da Mãe, a progenitora e protetora da vida. A princípio a Mãe desconfiou deste novo ser, mas depois de reparar na sua fragilidade tranquilizou-se de que não seria uma ameaça. Ficou até lisonjeada com a criação da mulher. Por fim, a sua natureza progenitora acabou por aceitar o Homem como se fosse uma criação sua, a proteger e nutrir. O Criador sentiu-se realizado contudo o seu ego precisava de mais, não bastava igualar era preciso ganhar. E fez uma aposta que mais pareceu uma profecia.

Contigo apostarei que a minha criação

A mais frágil e indefesa a respirar

Com tempo será capaz de dominar

Qualquer fruto da tua gestação

Assim é o poder do Criador

Tornei o mais fraco num rei

Graças à inteligência que lhe dei

Assim é a bondade do Criador

A Mãe ouviu o prenúncio em silêncio e não quis acreditar. Não quis acreditar que o Criador pudesse ser tão perverso. Não quis acreditar que o Homem estivesse destinado a manipular a sua criação. E sentiu necessidade de compensar a força

destrutiva que havia sido criada. E quis criar um ser capaz de proteger a sua criação do Homem. E decidiu que esse ser seria tão parecido ao Homem que o próprio Criador teria dificuldade em distingui-los. E concluiu que dessa forma provaria que a natureza destrutiva do Homem provinha da perversidade que o Criador lhe havia inculcido. E assim criou o Elfo.

A fisionomia dos elfos era muito semelhante à dos humanos salvo algumas exceções, como a parte superior das suas orelhas que era mais pontiaguda e comprida que a dos humanos. Contudo, a principal diferença era a sua pele ser completamente verde bem como a cor dos seus olhos. À semelhança das plantas, os elfos sobreviviam graças à luz solar e por isso não precisavam de caçar. Graças à linguagem que a Mãe lhes ensinou os elfos conseguiam comunicar com qualquer ser vivo, exceto os humanos que não percebiam a sua linguagem. Os elfos eram a derradeira obra da Mãe, a perfeita união entre animal e planta, um protetor para todos os outros seres.

O Homem cresceu, evoluiu e multiplicou-se. Descobriu o fogo, a pedra, a roda, o bronze e o ferro. Descobriu a guerra e o amor. E descobriu o Elfo, porque um dia o Homem haveria de dominar qualquer ser vivo criado pela Mãe. Um naufrago dera à costa numa terra desconhecida. Desnortado, procurou pela civilização mais perto. O que encontrou não foi bem o tipo de civilização que estava à procura de encontrar. Cabanas de ramos e folhas, estruturas como as que os pássaros fazem para impressionar as fêmeas, mas à escala de humano. E depois viu-a. Uma mulher verde de cabelo escuro até ao umbigo. Ao aproximar-se o homem conseguiu observar que o cabelo da mulher tinha afinal uma tonalidade verde e não era liso como o seu — era volumoso e em canudos, como se fossem tranças mas sem se avistar os cruzamentos das linhas de cabelo. E olhos também eram diferentes, já para não falar das orelhas. Na sua terra havia pessoas com olhos verdes, mas o verde desta mulher era diferente, mais escuro, mais vivo.

Atrás da mulher surgiram outras mulheres e outros homens. Nenhum usava roupas. Sinceramente o homem estava quase como eles, as suas roupas estavam um farrapo após o naufrágio. Será que mais alguém havia sobrevivido? Os elfos aceitaram-no na sua comunidade. No entanto comunicar com estes seres revelou-se uma tarefa quase impossível, exceto através de alguns gestos. Um dos seres apresentou-se com um som, “el-foo”.

Nenhum sobrevivente foi encontrado. Ninguém foi enviado à sua procura e o homem não tinha vontade de partir. Tentou ser como eles. Despiu os farrapos que vestia e sobrevivia apanhando fruta. Aparentemente os seres alimentavam-se de luz, pareciam répteis a apanhar sol logo de madrugada. E assim ficavam até o sol ficar bem lá no alto. Uma vez aproveitara a manhã para tentar capturar um macaco. Era impressionante como um bicho tão lingrinhas podia fazer tanta algazarra. Não demorou muito tempo até ela aparecer para repreendê-lo e soltar o macaco.

Gostava dela. Mais do que isso, amava-a e parecia ser correspondido. Aos poucos foi conquistando a sua confiança e amizade. E num dia de arrebatamento a paixão foi

mais forte do que os dois. E um relâmpago caiu dos céus. Estava cumprida a profecia. Duzentos e setenta dias depois nasciam três crianças, com a pele do pai e as orelhas da mãe. Os elfos entreolharam-se sem saber o que fazer ou pensar. Os pais estavam mais do que confusos, estavam aterrorizados, haviam criado uma nova espécie. Quando a Mãe descobriu o nascimento destes híbridos — a prova da profanação da sua criação e da concretização da profecia do Criador — ficou destróçada e as suas lágrimas caíram durante um ano inteiro excepto quando soluçava. O mar engoliu aldeias, a chuva preencheu vales e montes passaram a ser ilhas.

Finalmente o ego do Criador estava saciado. Contudo não podia sentir-se feliz nem realizado ao reparar na tristeza que havia causado à sua companheira. Profundamente desiludida, a Mãe voltou as costas ao mundo dominado pelos humanos. Furioso consigo mesmo, o Criador bateu com os punhos no mundo. O impacto foi aterrador e os humanos clamaram que o fim do mundo havia começado. O mundo estremeceu, os edifícios colapsaram, a terra rachou, a lava brotou, montanhas se elevaram e ilhas se formaram. Debaixo dos seus punhos ficaram duas crateras massivas. Uma delas foi feita em pleno oceano e a água voltou a preenchê-la. A outra foi feita em terra, perto de Luca, e é atualmente carinhosamente apelidada de “buraco”. A força do impacto não só havia criado a cratera como havia inclinado toda a península onde Luca e Nelay se situavam. E graças a essa inclinação surgiu a serra onde foi escavado o forte de Luca.

Jamais na história recente haviam sido avistados elfos verdes. Já os híbridos, descendentes dos elfos originais, habitavam as florestas um pouco por toda a terra. Envergonhados com o seu passado, decidiram homenagear os seus antepassados herdando o seu nome e a sua missão de proteger a criação da Mãe. Todos os habitantes de Luca conheciam esta lenda e contavam-na com grande orgulho. Aquela terra era sagrada, afinal de contas havia sido tocada, ainda que de forma violenta, pelo próprio Criador.

Rikheart e Rodric escalaram a sua rocha de eleição e sentaram-se no topo, o local perfeito para admirar o buraco. Naquele lugar remoto não se ouvia muito mais além do som do riacho a beijar o lago. A fala de Rikheart parecia um grito naquela calmaria.

— Daqui a duas semanas vou fazer a Viagem. Que cara é essa? Devias estar contente, sabes?

— E estou, pelo menos uma parte.

— Eu não me vou embora para sempre. Vou só ali dar um passeio e depois volto.

— Sim, vais só ali num instantinho visitar todas as aldeias, vilas e cidades conhecidas.

— Todas não. O primeiro destino é Nelay, depois em Iessi-Iessi apanho o barco até Coralyn. Aí faço uma visita aos anões de Twa Dwet e dou-lhes a minha oferenda.

Enquanto falava Rikheart navegava pelas nuvens como se elas fossem o seu mapa.

— Depois desço até Calenon e cumprimento os elfos da Floresta Sussurrante. Atravesso a ponte e bebo umas cervejas em Binnuin. Quando estiver recuperado caminho até Quaril. Aí vai ser fácil apanhar uma carruagem até à grande cidade cinzenta de Valanoi.

— Estou a ver que já tens tudo planeado.

— Tenho de ter! Já só faltam duas semanas. A partir de Valanoi é que não sei como voltar. Ou dou uma g'anda volta pelo caminho inverso, ou faço uma longa caminhada aborrecidíssima por ali acima até Nelay e depois Luca.

— Pois, não te esqueças de regressar.

— Há ainda a hipótese de casar-me em Valanoi com uma mamalhuda! Já ouvi dizer que quase todas as meninas de Valanoi têm olhos verdes... agora o corpinho é que não sei como é. Fazes ideia?

— Sei lá! Perguntas ao tipo que nunca meteu o nariz fora de Luca.

— Realmente, tu não deves ter metido o nariz em lado nenhum.

Rodric fez um trejeito com os lábios enquanto revirava os olhos. O humor do Rikheart no seu melhor.

— A Vera havia de ficar muito satisfeita de saber esses teus planos de casamento.

Rikheart deitou-se sobre a rocha e fitou o céu.

— A Vera, a Vera... Eu sei lá Rodric. Eu gosto da tua prima, não me leves a mal, e até me dou bem com o teu tio, mas neste momento não me quero comprometer. Nem era justo ir fazer a minha Viagem e deixar a Vera à espera.

— Acho que ela era capaz de esperar.

— Acredito, mas eu conheço tão pouco do mundo. Luca é um farrapo de nuvem num céu nublado. E há outras nuvens aqui tão perto que eu quero ver e sentir. Quando é que vou visitar essas nuvens? Há tantas aventuras para viver e trilhos para percorrer e raparigas para... conhecer.

— Boa, conseguiste emendar a tempo.

— Sabes que isto é importante para mim. Só serei um Cavaleiro completo depois da minha Viagem. Diria até uma pessoa completa. Só depois disso é que posso tomar uma decisão sem receios ou arrependimentos.

Rikheart tinha razão. Nada que Rodric pudesse dizer iria fazer o seu amigo mudar de ideias. Só havia uma coisa a dizer.

— E se eu fosse contigo?

A pergunta pairou no ar com as nuvens durante algum tempo, até que partiu com elas sem resposta.

— Não lighes, estava a gozar.

— Estavas? Nesse caso não valeu a pena ter ponderado tanto.

— Espera, tu aceitavas que eu fosse contigo na tua Viagem?

— Por isso é que demorei a responder. Se fosse uma pergunta fácil não teria demorado tanto tempo.

— Mas o propósito da Viagem é a independência e a sobrevivência. Bem sei que o teu pai é o capitão dos cavaleiros, e seria fácil negociar com ele, mas e os teus colegas?

— Não te preocupes com os meus colegas, eles conhecem as minhas capacidades e se tiverem dúvidas eu esclareço-as. Em relação à sobrevivência, tens razão, mesmo assim acho que não ias infringir nenhuma regra.

Rodric franziu a testa ao levantar uma sobrancelha.

— É que se tu fores não me vais ajudar. Antes pelo contrário, vou ter de tomar conta dos dois. Portanto ao ires comigo não serás uma vantagem mas sim uma dificuldade extra.

Desta vez Rodric alcançou rapidamente o raciocínio retorcido do seu amigo.

— Por isso, e respondendo à tua pergunta, não vejo mal em fazeres a Viagem comigo. Vá, agora mais a sério, acredito que te fará muito bem sair de Luca.

— É que se eu não aproveitar esta oportunidade, dificilmente vou arranjar outra forma de ver o mundo para lá das nossas hortas. Além de que assim tenho um guarda-costas dedicado durante a expedição.

— Vou falar com o meu pai então. E tu trata de falar com a tua mãe. Não vai ser fácil para ela.

— Para nenhum de nós. Talvez o meu tio a consiga tranquilizar.

— É boa ideia. Boa ideia também era praticarmos já o nosso Yen, antes que se faça mais tarde.

A prática de Yen era ensinada pelos cavaleiros a todos os pupilos e também aos habitantes de Luca que o quisessem aprender. Dizia-se que originalmente esse conhecimento havia sido passado dos elfos para os humanos como prova de boa vontade. A palavra Yen significava “equilíbrio” em élfico e era precisamente esse o objetivo de quem o praticava. Como tudo no mundo, o Yen tinha duas componentes. Numa delas treinava-se o corpo, através de um conjunto de posições que o praticante

executava para melhorar a sua flexibilidade e desenvolver cada um dos seus músculos. A outra componente do Yen desenvolvia a mente. Após o treino do corpo, o praticante sentava-se e concentrava a sua percepção num único pensamento — o nada que é tudo. No primeiro nível equilibrava-se a respiração e no segundo o praticante fechava os olhos e apenas através da audição devia sentir a sua presença no mundo. No terceiro nível o praticamente abstraía-se da audição e focava-se apenas na energia do seu corpo. No quarto era feita a limpeza do espírito, em que os pensamentos negativos eram ignorados e os positivos reforçados. Finalmente no quinto nível de concentração a mente era esvaziada de todos os pensamentos. Eram poucos os que conseguiam alcançar o quarto nível, alguns diziam que o último nível de concentração estava apenas ao alcance dos elfos. Havia lendas sobre humanos que tinham alcançado esse nível após décadas de treino. Diziam ser um estado em que tudo era deixado para trás — os sentidos do corpo, os pensamentos da mente, a entidade do ser — restava apenas a energia vital que se fundia com a do ambiente num equilíbrio quase perfeito.

No final da primeira parte do treino, a pele de ambos cintilava com pequenas gotas douradas de suor.

— Não vou fazer a parte da meditação, se fecho os olhos ainda adormeço. Depois do dia de hoje quando cair à cama vou dormir que nem uma pedra.

Rodric concordou e sorriu. Também ele estava ansioso pela noite mas por razões diferentes de Rikheart. Voltaria a vê-la?